

DEPÓSITO LEGAL  
30. AGO. 1968

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1968  
1 de Agosto

Director: Guilherme Pereira da Rosa  
Editor: José Redondo Júnior

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 41 a 63 — LISBOA

NÚMERO 1030  
ANO 62.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR  
TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO

## O FANTASMA DE TOWNSEND AINDA PERTURBA A VIDA DE TONY E MARGARIDA...

**Q**UEM disser que os ingleses não são faladores nem mexeriqueiros, devido a vê-los feugmáticos, nada percebe de psicologia e certamente não passou sob as árvores de Kensington-Park nesse dia excepcional de sol em que Marie-Luce Townsend passeava os seus três filhos.

Ultimamente, devido ao seu cargo de consultor cinematográfico, Peter Townsend vai repetidas vezes a Londres. Sua mulher acompanha-o, levando consigo os três filhos do casal, o que parece causar um certo alvoroço entre as damas que nas horas de sol passeiam com as crianças nos parques de Londres.

Na maioria, trata-se de **nurses** e preceptoras, mas sucede também aparecer uma ou outra elegante mulher de sociedade. Assim, não é para estranhar que tivessem reconhecido «mrs.» Peter Townsend quando esta, instalada em Londres por causa do trabalho do marido, passeava com os filhos nos jardins de Kensington.

Quando passava, as pessoas mostravam-se indiferentes e olhavam apenas para as duas pequenitas, e para o rapazinho; mas, depois, o nome do antigo aviador inglês que se apaixonou e ganhou o amor duma princesa da casa de Windsor andava de boca em boca.

Já passaram anos e muita tinta correu sobre este assunto, mas a verdade é que o facto

de o herói que foi protagonista dum infeliz romance com a irmã da rainha da Grã-Bretanha se achar em Londres, a residir com a família, causa certo alvoroço, e basta a presença da esposa feliz desse homem e dos filhos do casal para se contarem velhas histórias...

Este **suspense** nas conversas entre as comadres que tomam conta das crianças em Kensington-Park não se teria produzido com a presença de Marie-Luce, nem dos seus filhos, Marie Isabelle, de 5 anos; Françoise, de 3, e Pierre de 2. Mas, por casualidade, faltaram os filhos da princesa Margarida e de lord Snowdon, geralmente pontuais àquelas horas no parque.

Até um guarda do jardim o notou e, com peculiar sem-cerimónia inglesa, não se importou de dizer:

— Realmente, é para estranhar a ausência dos filhos de sua alteza...

As coisas não ficaram por aqui, e em breve era do conhecimento geral, entre todos os que de qualquer forma se acham ligados aos bastidores de Buckingham-Palace, que lord Snowdon proibira que os filhos passeassem no parque de Kensington enquanto a senhora Townsend ali estivesse com as suas crianças.

Marie-Luce provavelmente não chegou a saber isto, e é até natural que não desse muita importância ao caso. Costuma fazer uma vida simples, longe

das intrigas da corte de St. James, e nunca apareceu em Kensington senão com os filhos. Sorria com a boa disposição de quem se acha longe de mexericos e nunca falou ou mostrou desejo falar com quem quer que fosse.

Todavia, não é natural que Marie-Luce Townsend não se apercebesse que causava um certo movimento de curiosidade e não achasse pouco natural a atitude de certas pessoas; mas tem de se reconhecer que Marie-Luce não é inglesa de nascimento, não se impressiona com as protocolares atitudes dos círculos aristocráticos da velha Inglaterra, que para muitos países da Europa ainda hoje aparece revestida da fama de excêntrica e pouco adaptável à vida de hoje.

### Esperanças que não se concretizaram

Quando chegaram a Londres com os seus filhos e uma missão interessante a cumprir, Peter e a mulher pensavam numa aproximação e até em reacções de amizade com Tony e Margarida. O passado estava esquecido e o comportamento de Peter fora suficientemente cavalheiresco, mesmo no seu voluntário exílio, para ter o direito a uma atenciosa, embora fria gratidão da família real.

Todos sabem bem que Peter



Townsend recebeu tentadoras propostas para escrever as suas memórias no que respeitava ao seu afecto e às corajosas relações com Margarida de Inglaterra. E sabe-se igualmente que Townsend se recusou a escrever ou a falar sobre esse assunto da sua vida particular.

Algumas pessoas bem informadas disseram que «mrs.» Townsend teria confessado que ela e o marido pensariam, ao chegar à Grã-Bretanha, na possibilidade de falar com lord Snowdon e a esposa, mas tudo se gorou diante da atitude mais do que glacial de Tony.

Alguém bastante a par do que se diz nos bastidores da corte de St. James confidenciou:

— Lord Snowdon tornou-se muito susceptível e, ao contrário de tudo o que se possa pensar perante a sua habitual conduta, é muito ciumento. Isto provém dum complexo de inferioridade que já vem de longe e se agravou nos primeiros tempos do seu casamento com a princesa Margarida.

Snowdon sentiu-se diminuído com a atitude que o cunhado e os nobres tomaram para com ele nos primeiros tempos. Até os empertigados mordomos e os lacaios sempre prontos a desconsiderar os intrusos, os desprezam abertamente.

Townsend nunca foi um intruso em Buckingham Palace; pelo contrário: teve sempre todas as prerrogativas e, embora em boa verdade não tivesse procedido de forma a merecê-la, gozava da inteira confiança do rei George VI.

É isto que dói ao ex-fotógrafo de Pimlico Road, como lhe doem todas as prosápias dos nobres que tiveram possibilidade de casar com Margarida num pé de igualdade e agora o olham por cima do ombro!

Marie-Luce não gostou muito desta atitude de Tony; pois se havia alguém que se pudesse aborrecer com novos encontros, na sociedade inglesa, entre Peter e Margarida, seria ela e não Armstrong-Jones. Assim, as coisas tornam-se difíceis e ingratas para o casal Townsend, o qual não recebe convites porque na alta sociedade londrina preferem respeitar a vontade de Snowdon, não por ele próprio, mas por causa da rainha Isabel e da camarilha de Buckingham Palace, onde ainda não perdoaram que um homem que tinha toda a confiança de George VI tivesse envolvido uma princesa da casa real num escândalo com vastas repercussões.

Todos sabem que a princesa

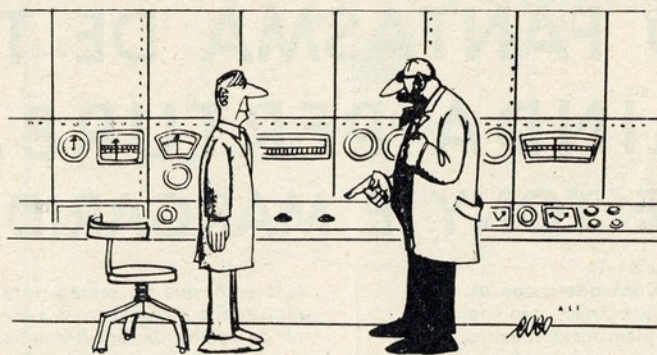
Margarida tem sérios desentendimentos com o marido por causa dos ciúmes deste, mas sabem, igualmente, que aquele não dá um passo para os Townsends.

Quando Peter chegou a Inglaterra, ia muito contente, naturalmente, pois, como súbdito inglês, gosta de Londres e de tudo o que se refere aos lugares onde viveu; mas, quando viu que as portas se lhe fechavam, achou que ele e a mulher estariam melhor na capital francesa.

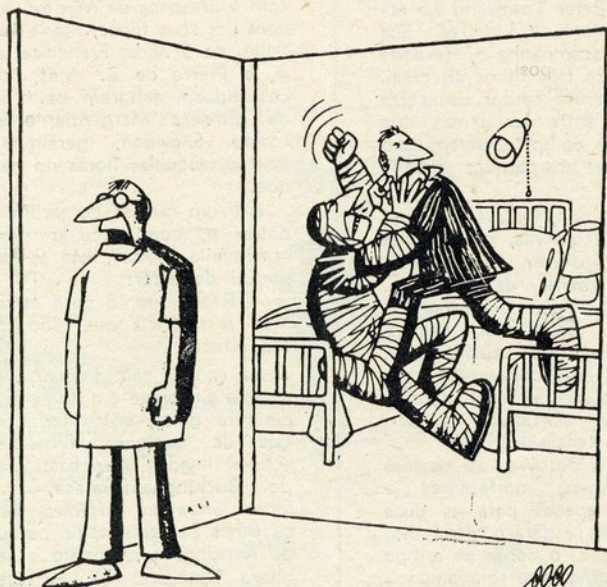
É certo que o trabalho exige

a sua presença em Londres, mas ele não se importa de andar para cá e para lá e, logo que se convenceu de que o ambiente da alta sociedade inglesa não mudara, declarou ao produtor de filmes para quem trabalha:

— Não me interessa a atitude de pessoas com quem nunca me importei nem conheço, mas não estou disposto a que essas coisas aborçam minha mulher ou possam tornar-se contrariedades para meus filhos. Isto é tudo o que tenho a dizer.



— NÃO FAÇA CONFUSÕES! O BOTÃO VERDE É PARA PEDIR COCA-COLA. O ENCARNADO É PARA DESENCADEAR A GUERRA MUNDIAL.



— QUEM METEU NO MESMO QUARTO OS DOIS AUTOMOBILISTAS QUE CHOCARAM?

# O LONGO CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER

A emancipação da mulher não é um fenómeno recente, mas pode dizer-se que desde o começo do século XX se acentuou em todo o Mundo um movimento que tem por fim não só defender os direitos da mulher, como pôr em foco as suas capacidades de trabalho e de produção.

Contudo, ainda hoje, nalguns países, se abusa da situação feminina, sujeitando a mulher trabalhadora a um ordenado insuficiente e faltando-lhe com a necessária assistência nos períodos de maternidade. Felizmente, com a expansão das organizações sociais e dos princípios de profilaxia, a situação da mulher no Mundo tem melhorado sensivelmente até nos países subdesenvolvidos e dia a dia se reconhece melhor o valor do seu trabalho e da sua contribuição no campo social.

Ao dizer-se que o trabalho feminino já não é um mito pretende-se apenas fazer notar que nos tempos presentes este trabalho é justamente considerado e que já não se diz agora que o trabalho da mulher se processa apenas dentro das paredes do lar. Hoje em dia as mulheres têm de substituir os homens nos países em guerra e além disso, ascendem também, nalgumas nações, aos elevados postos do governo. No que respeita ao aproveitamento e avaliação do seu trabalho é interessante observar o que se passa na comunidade europeia, na qual está previsto o nascimento de cerca de 200 milhões de indivíduos durante os próximos doze anos.

Segundo algumas estatísticas, entre estes 200 milhões contar-se-á com uma importante percentagem de mulheres, que necessariamente desempenharão lugares previstos para profissionais femininos.

Actualmente, a comunidade europeia conta já com cerca de 190 milhões de pessoas, segundo os cálculos recentemente feitos em Bruxelas. Estes estudos revelaram também um aumento de população na Alemanha, na Holanda, na Bélgica, e concluíram que, se as medidas económicas aplicadas nos países latinos da Europa continuarem eficazes, se pode concluir que em determinada altura uma crise se dê no chamado mercado do emprego, e que atingirá

decerto os países industrializados da Europa.

Nessa altura não se poderá contar com um salário elevado para o trabalhador estrangeiro e os dirigentes terão de adoptar uma política no sentido de modificar a economia com medidas tendentes a um progressivo aumento de produção.

Prevê-se, encarando esta questão por outro lado, a criação de novas leis tendentes a facilitar a aquisição de mão-de-obra feminina, especialmente dentro de um sistema de trabalho periódico com jornas parciais.

Em França, embora as condições sejam mais favoráveis, sabe-se bem quanto é importante a contribuição da mulher no trabalho, mas também se sabe que, embora esta goze nominalmente das mesmas prerrogativas que o homem, nada impede que em muitos casos receba um salário inferior. Tem de se reconhecer no entanto que a mulher francesa tem diante de si todos ou quase todos os campos abertos à sua actividade; e se virmos as estatísticas reconhece-se que é vasta a sua contribuição tanto na técnica como na arte e nas letras.

Nos seis países da comunidade existem profundas diferenças no que respeita à situação da mulher como autoridade, orientadora da economia e também quanto aos seus direitos cívicos, mas se examinarmos a fundo o valor da sua contribuição para obras sociais e da sua produção como trabalhadora, chega-se à conclusão de que afinal é mais o trabalho feito por mãos femininas do que a mão-de-obra do homem. Numa palavra: a mulher trabalha mais do que o homem, recebe menos, repousa menos e o seu trabalho não é justamente avaliado. Mas isto vem de longe, não é positivamente um mal dos tempos presentes em que dia a dia as mulheres dão em todos os países as melhores provas de si, da sua obra e do muito que podem fazer por um mundo que passa por uma tremenda evolução.

Ainda que isto pareça extraordinário é nos países subdesenvolvidos que a mulher governa. Citamos Ceilão e citamos um país onde o primeiro-ministro é uma mulher: a Índia.

Tem de se reconhecer que vai

uma distância grande entre a Constituição do Ceilão e o governo da moderna Índia, mas não se pode deixar de dizer que ambos os Estados se encontram em circunstâncias precárias de progresso.

Até agora, é na Finlândia que a situação da mulher é de maior igualdade em relação ao homem. Pode ser juiz, pode ser sacerdote e tem todas as prerrogativas nos outros campos de actividade técnica ou intelectual.

É tempo, disse-se recentemente numa emissão da BBC, dedicada a uma controvérsia sobre os direitos da mulher, que esta tenha os mesmos direitos que o homem, quer no trabalho quer nas regalias e no mando. De facto, também na Grã-Bretanha a situação da mulher não está num pé de igualdade com a do homem no que respeita aos seus direitos, e nota-se neste país uma profunda diferença entre a situação do homem e da mulher.

Também na América, as coisas não são mais favoráveis ao sexo fraco, que, embora disponha nominalmente de astronómicos haveres, nem por isso influi mais nos destinos do país.

Até nas expressões usadas na U. N. E. S. C. O. e na O. N. U. quando se fala «nos direitos do homem e da mulher» esta distinção é evidente. E no entanto num Mundo profundamente afectado pela violência, pela venalidade e pelos desenfreados apetites dos homens, torna-se cada vez mais necessária a acção da mulher cónscia do seu poder e do direito de querer um Mundo melhor para as crianças que sofrem e para os adolescentes que serão os homens de amanhã.

Na verdade, enquanto as leis forem ditadas apenas por homens ambiciosos ou interessados em impor as suas doutrinas não poderá haver um equilíbrio entre a produção e a necessidade. Para isto e para que as leis se aproximem da justiça necessária é preciso que, em proporções absolutamente iguais, o Mundo seja dirigido pelo homem e pela mulher, num acordo perfeito em que nenhum manda e todos obedecem à ideia geral de o tornar melhor, dentro do que é justo, racional e proveitoso para a raça humana.

# ELES ERAM IRMÃOS

## LENDA DO COLORADO

**H**OMENS rudes, fortes, gigantescos. Antigos, semelhantes a seus avós, muito mais antigos, mesmo assim novos perante a antiguidade daquelas penedias.

Habituaados a percorrer desde a infância aqueles desfiladeiros, sentiam sempre em si a chamada das altitudes e o pendor das descidas, de fraga em fraga.

Cada um sentia-se mais forte do que todos os outros ao subir e ao descer; mais hábil também no evitar dos numerosos perigos.

Cultivavam em todo o socalco mais liso, onde o vento depositara terra, Deus sabe de que longínqua proveniência, de que continentes misteriosos e desconhecidos,

as mais variadas plantas que em tal terreno conseguiam enraizar e crescer. Subiam aos píncaros onde as aves de rapina fazem seus ninhos, e caçavam à compita com elas, fortes e orgulhosos do seu imenso poder.

Desciam aos ribeiros e pescavam com os instrumentos mais primitivos aquele peixe que os deliciava nas simples mas enormes refeições.

E dormiam, à sombra de arbustos altos e fortes como eles próprios, tão serenamente como os justos e as crianças — porque as suas almas eram simples como as das crianças, serenas como as dos justos.

Rudes como as pedras en-

tre as quais se haviam criado e de que pareciam provir, sabiam sorrir e sabiam amar. E os seus rostos tinham impressos pelos ardores do sol e pela carícia do vento uma vontade forte e uma ternura sã. Ajudavam-se um ao outro: eram solidários, eram irmãos.

Certo dia, porém, uma águia temeu um, e desprezou o outro, obrigando-o a fugir-lhe.

De longe, levando consigo alegremente a caça conseguida com o seu imenso esforço, o irmão da sorte riu, troçou do outro irmão.

E este, de punhos cerrados, jurou vingança! Descendo ao rio, pôs-se a pescar, e todo o peixe colhido o levou consigo, longe do irmão que nada lhe oferecera da sua caça; este, vendo tanto êxito, ambicionou igual e correu de pedra em pedra para aproveitar daquele cardume de peixes. Mas, na precipitação, escorregou nas pedras limosas e por um pouco afogava-se, não fosse toda a sua força e coragem, sem que seu irmão, a rir desta vez, fizesse um gesto sequer para o salvar.

E, passado aquele instante, nunca mais os dois homens se olharam com afeição e alegria, nunca mais tiveram um gesto de entreatajuda, um sorriso de compreensão.

Quando outrora se regozijavam com os feitos um do outro, felizes por serem tão fortes, senhores das brenhas que pisavam, agora invejavam um ao outro cada socalco, cada peça de caça ou de pescaria, cada ferir certo de lume entre duas pedras, cada passada que o outro encaminhasse para a frente da vida.

E os seus corações, que noutro tempo a ternura pelo irmão dilatava mais e mais, a cada momento de raiva, de inveja e de cobiça se apertava de tal forma que, se esses homens



gigantescos pelo orgulho com que se enfrentavam pareciam crescer, dentro dos peitos rudes os seus corações começavam a extinguir-se e a murchar, tornando-se como pequenos calhaus duros, desgastados pela maré do ódio, sempre cada vez mais pequeninos...

Mas os campos, esses, cada vez eram mais vicejantes e melhores colheitas prometiam, como se a terra quisesse amolentar, enternecer os seus corações. Estavam lindos, lindos!

No entanto, e porque o ódio crescia lá dentro deles como as plantas cá fora, cada um via que o do outro estava lindo, mas muito mais lindo que o seu.

Rudes como as pedras do caminho, não tardou um dia em que por motivo fútil se travassem de razões. Armas, não as tinham; mas pior que todas as armas que ferem e matam, era a ira — no outro a inveja.

O que eles gritaram um ao outro, sabem-no as águias, que do alto os miravam, estarrecidas. E sabem-no os peixes, que se esconderam aflitos, pois mais lhes pareciam ribombos de trovão. Sabem-no o vento, que se escondeu antes de fugir dali para longe, e o sol que no horizonte desapareceu, horrorizado.

Dos olhos odientos, dos gritos roucos, passaram à luta corpo a corpo. Ambos fortes e supondo-se na razão, lutaram mais e mais; e, lutando, talaram seus campos, pisaram toda a promessa duma colheita maravilhosa, como dentro de si espezinhavam sentimentos e afeições. Pisaram e repisaram as suas almas e as suas culturas, até que o sol nasceu de novo e não conteve a sua indignação ao encontrá-los cansados, calados, imóveis, mas com a mesma ira e o mesmo ódio a brilhar-lhes nas pupilas enlouquecidas.

Imóveis o sol os encon-

trou... e assim, ao fim do dia, os deixou, para sempre imóveis e empedernidos, numa espantosa transformação!

Já os seus corações eram pedra, quando a luta principiou, sem amor e sem razão; porém, o mal veio cá para fora, a cada pancada e a cada frase odienta. E os braços em riste, e as pernas plantadas na espera para uma vez mais lutar, e os olhos coriscantes... as bocas torcidas em rudes pragas... Tudo a vida aproveitou da morte, e os elementos, ao passar, tornaram os dois lutadores em mais dois rudes rochedos, enormes, trágicos, espantosos de ver.

E o dia tornou-se em noite, e a noite tornou-se em dia, muitas e muitas vezes, sem que as pedras deixassem de ser pedras, como sentinelas vigilantes daquele ponto da ravina.

Por eles passaram nuvens do céu, e chorando tão triste destino as suas lágrimas verteram entre rochedos e pednedias. Mas as suas lágrimas escorriam pelas formas dos rochedos, novos, nada lhes tirando da sua rigidez de pedras, nada lhes acrescentando às formas já sabidas, trágicamente terrificantes.

Mais uma e muitas vezes o sol brilhou sobre cada triste chuvada. E, certo dia, reparou que de tanta mágoa as nuvens haviam depositado no fundo da ravina as suas águas que já não eram mais um ribeiro, mas um rio enorme, dia a dia acrescentado pelo sem remédio de desgraça tamanha. E o rio crescia, entre brenhas se escoava, aqui suave e tranquilo como os dois irmãos tinham sido quando se queriam bem, além despenhando-se num fragor como quando já se odiavam, lá mais para diante eram cachoeiras enormes, babadas de espuma!

E o sol viu que tudo passara, que os gigantes de pedra eram agora pedra apenas, e que as lágrimas purificadoras se tinham transformado no mais lindo e poderoso rio daquelas paragens. Belo e horrível, suave ou tempestuoso, gritando irado ou correndo a cantar...

Terminava o dia quando o sol fez esta magnífica descoberta. E as cores do poente iluminaram o rio, fazendo desde esse instante o seu baptismo para todo o sempre:

O seu nome ficou sendo COLORADO.



— MEU CARO SENHOR, EU NEM SEQUER O CONHEÇO! QUAL É A MARCA DO SEU CARRO?

# JAMES BOND

## um mito que veio da literatura



**J**AMES BOND e a sua lenda enquadram-se na produção geral de mitos menores que têm vindo, na nossa época substituídos em abundância os olímpicos clássicos e os mortos deuses de mortas religiões. James Bond não veio só mas, entre os seus pares, granjeou uma maior fama, uma popularidade mais atrevida, primeiro nos livros de Ian Fleming, depois nos filmes de Saltzman e Broccoli. Não admira que surjam estudiosos deste fenómeno, observadores ocupados em distinguir o que, na figura do agente secreto, existe de simbólico ou de meramente accidental e em descobrir o segredo do seu êxito entre as multidões.

O. F. Snelling escreveu o livro, transcrito há tempos para português, dando oportunidade

para reflectir uma vez mais sobre o caso que, nas suas implicações sociológicas, é mais sério do que parece e menos romanesco ou fictício do que se crê. Ian Fleming, a quem se deve a paternidade do mito, sabia (na opinião de Snelling), o que estava a engendrar e para quem. Em lucros de edição, a sua expectativa foi com certeza ultrapassada formou-se em uma das principais e, depois dos filmes, Bond trans-indústrias extractivas da Grã-Bretanha. O reverso da medalha vem depois: as receitas utilizadas para o «fricassé» James Bond acertaram no alvo e há-de por isso investigar-se a que constantes da mentalidade contemporânea deram satisfação. Quando se verifica uma correspondência ou identidade tão perfeita entre mito

e público, alguma coisa mais existe do que olho comercial — embora sem este, claro, nenhum mito ou negócio subsista.

Muito justamente intitulado de **relatório**, o exaustivo trabalho de O. F. Snelling constitui a monografia descritiva de uma zona «geográfica» até agora pouco explorada por estudiosos: a zona dos mitos menores, dos polícias e agentes secretos, dos heróis e semi-heróis, dos salvaguardas da ordem e da pública tranquilidade, na luta interminável contra a desordem e a falta de higiene. Mas depois do relatório, da esgotante enumeração de linhagens e hierarquias, mais nada. A ficção de espionagens desempenha um papel de tal forma importante na conformação mental do homem contemporâneo que um estudo descritivo como este tem o seu mérito e o seu interesse, mas deverá vir acompanhado de uma análise crítica que o integre como prova vir acompanhado de uma análise que o integre como produto cultural que pretende ser. «Fleming não inclui nos seus livros qualquer mensagem especial» — afirmação esta que se lê à página 19 e que me parece exemplificar a inocência de Snelling quanto à «inocência» de Fleming e do seu Bond. Não há mitos inocentes, e o de Ian Fleming é mais sabido do que nenhum: orienta as suas agulhas para um alvo determinado e a concepção ou arquitectura da intriga baseia-se não em coisas marginais mas no próprio centro da guerra fria, com **parti-pris** assumido. Será isto o que Snelling considera ausência de mensagem?

Ao contrário da nota que na contracapa da edição portuguesa chama ao livro «anatomia de um mito», talvez seja preferível designá-lo por «biografia de um mito», porque na verdade o autor tenta desvendar, através de uma pretensa coerência cronológica, a sequência de uma identidade individual. Irónicamente, Snelling interroga-se: «Por que razão não envelheceu ele, como todos nós?» Ou (página 25) «esperemos que Bond não fique para sempre parado, imóvel no tempo, nessa lisonjeira idade...» A idade indefinida de Bond e a sua tenaz «imortalidade» atestam aliás a personalidade de pacotilha que, mesmo no romanesco de segunda ordem, já faria figura de enjeitado. Se o «biógrafo» tenta categorizar o herói, James Bond, a verve risonha ou a vaga ironia do estilo não bastam para reabilitar o famoso agente aos olhos dos que ja o viram ou leram e sabem de que maneira airosa ele incendeia o mundo para salvar a sua xícara de chá inglês (o seu copo de uísque escocês).

## ANNIE GIRARDOT E RENATO SALVATORI:

# O nosso divórcio é o que todos querem ler num jornal

## mas tal não acontecerá porque nos amamos muito

**N**ÃO compreendo! O Verão já começou há que tempos, e os jornalistas italianos ainda não começaram a dizer que eu e Annie já nos separámos ou que sacrificámos os nossos corações amargurados apenas para não fazer sofrer a nossa filha, Giulia... — estranha Renato Salvatori.

— Não é bem assim... — «seguiu» Annie Girardot, com um sorriso — Ainda há dias um jornalista malicioso me contou que circulava pelas mesas das redacções um molho de fotografias tuas, em posições bastante interessadas e ternas com uma bela rapariga...

— Mas o que é isso? — perguntei eu a Annie, que patenteava o seu agradável sorriso, com um vestidinho gracioso e suficientemente curto para mostrar as pernas, aliás não muito perfeitas. — É uma brincadeira?

— Oh, não!... Felizmente, somos bastante unidos para poder rir de tudo isso. Mas antes sofríamos bastante por causa desses boatos... Desde há sete anos, logo que chega o Verão e as notícias escasseiam, é sabido que surgem, em jornais e revistas que o casal Salvatori-Girardot está prestes a separar-se, sempre porque um dos dois se apaixonou, imprevisível e irremediavelmente, por qualquer outra pessoa...

— Talvez porque nós, os italianos, sejamos tão românticos que temos de inventar, de vez em quando, amores violentos e paixões irreprimíveis — atalhei pouco convencida.

— Não creio nisso! — disseram em coro Annie e Renato.

— Na minha opinião — protesta Salvatori — os jornalistas italianos não fazem senão alimentar um dos piores aspectos do carácter do nosso povo, incuravelmente provinciano: logo que o italiano guinda alguém a determinada altura, começa imediatamente a pensar na maneira (e em quanto tempo) como poderá destruir esse alguém e a convencer-se de que essa pessoa, no fim de contas, não merece a sorte que tem e

que, pelo menos no que diz respeito ao amor, é uma infeliz.

E Annie Girardot afirma, por sua vez:

— E assim, em casos como esses, se prova que, afinal, não passa de lenda atribuir-se ao italiano tantas qualidades de bondade, generosidade e romantismo. E é possível que possam pensar que tu e eu estamos apaixonados por qualquer outra pessoa. — E a simpática Annie prosseguiu, com certo desgosto:

— Mas que devemos fazer, para provar que continuamos a gostar um do outro? Talvez irmos todas as manhãs ao registo cível, garantir que, pelo menos durante mais um dia, queremos ser marido e mulher... Claro

que não escrevo comunicados oficiais a esclarecer o público que parti para Messina, apenas porque o meu marido estava lá e eu tinha saudades dele, nem ando para aí a contar que, tanto eu como Renato, nos sujeitamos a ridículas viagens que duram noites inteiras, apenas para estarmos juntos durante algumas horas e para beijarmos a nossa filha...

**«Sem Annie,  
aborreço-me...»**

— Comprei um late no dia 8 de Julho — insiste Renato — mas esperarei por Annie para



sairmos juntos. Gosto muito do mar, mas sem minha mulher e sem a nossa filha, aborreço-me profundamente...

— Um momento! — interrompemos. — De si, Salvatori, dizem que aprecia imenso a companhia de belas raparigas, e de Annie, afirmam que tem, ou teve, um certo interesse por Le. louche...

Ambos se agitaram e coraram, evidentemente pouco à vontade.

— Oiça! — disse Renato. — Se quiser escrever na base desses assuntos, faça o que quiser, escreva e invente o que lhe apetece. Faço zangar a minha mulher? Todos os maridos do Mundo fazem o mesmo. Aliás, se tal não acontecesse de vez em quando, acabaríamos por nos aborrecer. Quer saber? Amo minha mulher e minha filha. Aliás, a minha filha é o maior amor da minha vida. Falei claro? Pode acontecer que as coisas mudem, nada nem ninguém é eterno no que diz respeito aos sentimentos, mas também não é obrigatório que tudo se modifique.

— Asseguro-lhe — disse Girardot, com um sorriso — que, se amanhã decidissemos divorciar-nos, o diríamos a toda a gente, o comunicaríamos e faríamos oficialmente. Percebeu?

— Assim — disse eu — chegamos à conclusão de que o casal Girardot-Salvatori é perfeitamente feliz e legalmente unido...

— Que pena!.. Mas é assim mesmo... — diverte-se Annie. — E já agora sempre lhe digo que estou a tentar convencer o governo italiano de que sou italiana, na medida em que sou mulher legítima de um cidadão italiano! Casei-me há oito anos e tenho uma filha, mas lá no ministério respectivo parece pensarem que sou apenas uma mulher que teve uma filha... E começo a aborrecer-me com tudo isto. Ninguém me quer; em França, dizem que sou italiana; em Itália, garantem que sou francesa...

— Parece-me que o melhor é andares por aí a mostrar a toda a gente a certidão de casamento... Talvez assim se conçoçam! — atalha Renato.

— E, agora, que tencionam fazer? — perguntei, para desviar a conversa de um tema realmente aborrecido.

— Eu, pelo menos, quero descansar — explica Annie. — Preciso de um longo período de férias e repouso. Dormir muitas, muitas horas. Desde Outubro que trabalho continuamente: quatro filmes, a televisão francesa, a belga e a suíça... — E quanto à italiana?

— Nada. Nenhum programa para a televisão italiana. Sabe-se lá porquê... Talvez porque na televisão sou cançonetista. E como a minha editora de discos é francesa, talvez não tenha grandes contactos ou interesses em Itália...

— E quanto a você, Renato?

— Por enquanto, não posso parar. Depois de um filme, em França, acerca do assassinio de um presidente num atentado político, ao lado de Yves Montand, Jean-Louis Trintignant, Irene Papa e Michel Piccoli, tenho de decidir se participarei ou não num filme de Samperi. Em seguida, em Outubro, parto para as Antilhas, onde, ao lado de Marlon Brando é dirigido por Gillo Pontecorvo, será filmada «Quemada», uma história racial de muito interesse. Um programa, afinal, do meu agrado, adaptado a um homem de cinema ou talvez melhor e como eu próprio gosto de me designar, a um animal de cinema...

— E você, Annie, que fara, entretanto?

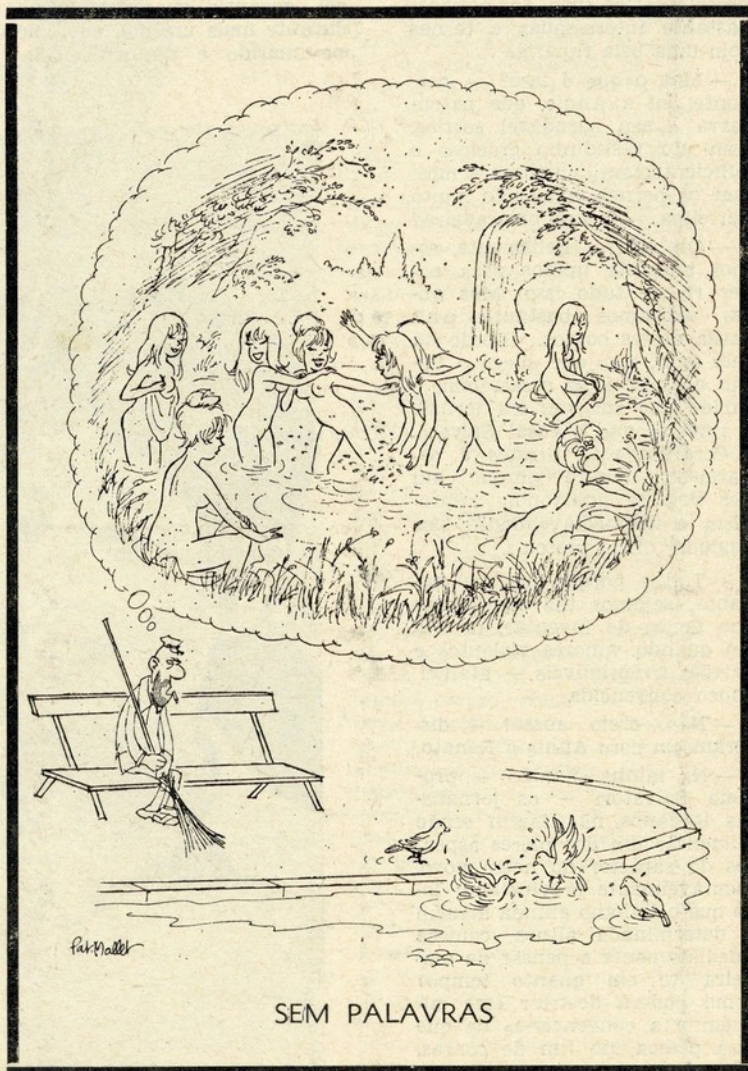
— Para já, vou, de barco, até à Sardenha, com Renato e Giulia — e por lá ficarei uns dez dias. Depois, vou passar uma temporada no campo, com minha filha; está a fazer-me falta. Conheço muito bem as estradas e caminhos de Itália, mas sinto falta do ar da Bretanha. Em seguida, vou para Paris, onde talvez entre num filme... Depois... não sei...

— Pode ir até às Antilhas, ao encontro de Renato...

— Provavelmente — disse ela, com um sorriso. — Quanto ao mais, temos de esquecer ditos e boatos. Gostamos um do outro. Sou feliz! Não basta isto?

— E você, Renato?

— Oh, sim! Sou um homem feliz. Adoro o meu trabalho, a minha mulher e a minha filha. Já lhe disse tudo isto... Não me parece que seja preciso muito mais para que um homem seja feliz... Mesmo com o despeito de todos os que, cada manhã, lêem jornais ou revistas esperando encontrar a notícia da minha separação de Annie...



SEM PALAVRAS